



OS JORNAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA DA PARAÍBA COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ANTIRRACISTA

Alba Cleide Calado Wanderley¹

*Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Fundamentação de Educação,
João Pessoa, PB, Brasil.*

Andrea Maria da Silva Lima²

*Universidade Federal da Paraíba, Programa de Iniciação à Pesquisa, João Pessoa,
PB, Brasil.*

Resumo: O artigo aponta os jornais impressos como um recurso metodológico no ensino de História da Paraíba, objetivando um currículo antirracista na perspectiva dos Estudos Culturais a partir das leituras de imagens e temáticas jornalísticas paraibanas. Os resultados da pesquisa mostram a invisibilidade da população negra nas colunas social, de política e de economia nos jornais impressos. Nesse sentido, o trabalho propõe um olhar sensível no processo que concerne às matérias, as quais passam a ter outra conotação didática. Desse modo, os/as professores/as, na perspectiva afrocêntrica, problematizam, revelam e valorizam o protagonismo da população negra através da identidade, da ancestralidade, da memória, do fenótipo, da linguagem, entre outros. Consequentemente, a invisibilidade da história não revelada ou omitida nos jornais impressos paraibanos é ressignificada.

¹ Possui graduação em Licenciatura em História (2000), Mestrado em Educação (2004) e Doutorado em Educação (2009) pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é Professora do Departamento de Fundamentação da Educação, do Centro de Educação da UFPB. Tem experiência na área de História e Sociologia, atuando principalmente em estudos, projetos de extensão e de pesquisas sobre as questões das relações étnico-raciais na educação, identidade, irmandades, etnografia, Ensino de História, Literatura infantil-afro-brasileira e Movimentos Sociais Negros. Membro da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros). Coordenadora do grupo de estudos GEINCOS e da Brinquedoteca do Centro de Educação, UFPB. E-mail: caladoalba@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1455-8940>

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (2020), Campus I, UFPB - João Pessoa. Possui experiência na área da educação através da iniciação à docência como monitora em Sociologia da Educação I e II - PIBID|PRG|UFPB (2019-2020), assim como participou de atividades na extensão universitária - PROBEX|PRAC|UFPB (2017 - 2018), em projetos com temáticas relacionadas a etnia e identidade. Bolsista e voluntária de projetos de Iniciação Científica - PIBIC|PIVIC|CNPq/UFPB (2016-2018), com trabalhos na área da produção do conhecimento que problematiza as relações étnico-raciais. Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Paraíba (2008). Atualmente participa do Grupo de Estudos Formando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS), linha de pesquisa Estudos Culturais e Educação. E-mail: amsl31466@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4104-685X>

Palavras-Chave: Afro-brasileiro; Jornais impressos; História da Paraíba.

NEWSPAPERS IN THE HISTORY OF PARAÍBA AS A CONSTRUCTION ELEMENT OF AN ANTIRACIST CURRICULUM

Abstract: The article points to printed newspapers as a methodological resource in the teaching of the History of Paraíba, aiming at an anti-racist curriculum in the perspective of Cultural Studies from the reading of images and journalistic subjects from Paraíba. The research results show the invisibility of the black population in the social, political and economic columns in the printed newspapers. In this sense, the work proposes a sensitive look at the process that concerns the subjects, which start to have another didactic connotation. In this way, teachers, in the Afrocentric perspective, problematize, reveal and value the role of the black population through identity, ancestry, memory, phenotype, language, among others. Consequently, the invisibility of history not revealed or omitted in the printed newspapers of Paraíba is re-signified.

Keywords: Afro-Brazilian; Printed newspapers; History of Paraíba.

PERIÓDICOS EN LA HISTORIA DE PARAÍBA COMO ELEMENTO CONSTRUCTIVO DE UN CURRÍCULO ANTIRACISTA

Resumen: El artículo apunta a los periódicos impresos como recurso metodológico en la enseñanza de la Historia de Paraíba, apuntando a un currículo antirracista en la perspectiva de los Estudios Culturales desde la lectura de imágenes y temas periodísticos de Paraíba. Los resultados de la investigación muestran la invisibilidad de la población negra en las columnas sociales, políticas y económicas de los periódicos impresos. En este sentido, el trabajo propone una mirada sensible al proceso que concierne a los sujetos, que empiezan a tener otra connotación didáctica. De esta manera, los docentes, en la perspectiva afrocéntrica, problematizan, revelan y valoran el rol de la población negra a través de la identidad, ascendencia, memoria, fenotipo, lenguaje, entre otros. En consecuencia, se resignifica la invisibilidad de la historia no revelada u omitida en los periódicos impresos de Paraíba.

Palabras-clave: Afrobrasileño; Periódicos impresos; Historia de Paraíba.

JOURNAUX SUR L'HISTOIRE DE PARAÍBA COMME ÉLÉMENT DE CONSTRUCTION D'UN PROGRAMME ANTIRACISTE

Résumé: L'article désigne les journaux imprimés comme une ressource méthodologique dans l'enseignement de l'histoire de Paraíba, visant un programme antiraciste dans la perspective des études culturelles à partir de la lecture d'images et de journalistes thématiques de Paraíba. Les résultats de la recherche montrent l'invisibilité de la population noire dans les colonnes sociales, politiques et économiques des journaux imprimés. En ce sens, l'ouvrage propose un regard sensible sur le processus qui concerne les sujets, qui commencent à avoir une autre connotation didactique. De cette manière, les enseignants, dans la perspective afrocéntrique, problématisent, révèlent et valorisent le rôle de la population noire à travers l'identité, l'ascendance, la mémoire, le phénotype,

la langue, entre autres. Par conséquent, l'invisibilité de l'histoire non révélée ou omise dans les journaux imprimés de Paraíba est re-signifiée.

Mots-clés: Afro-brésilien; Journaux imprimés; Histoire de Paraíba.

INTRODUÇÃO (NOTAS INICIAIS)

As relações étnico-raciais negam o segmento negro da população e exercem sobre ele uma dinâmica de dominação e exploração. Sendo traduzidas em relações de submissão e de sujeição, explicitando um sistema de representações étnicas dominante. Por sua vez, os meios de comunicação podem ser considerados espaços de reprodução ideológica sobre as pessoas negras, nas quais são projetadas representações negativas, desencadeando um sentimento de desvalia que favorece a lógica de dominação por parte dos brancos, e de sujeição, por parte delas mesmas.

O objetivo do artigo é apontar os jornais impressos como um recurso metodológico no ensino de História da Paraíba, na tentativa de promover um currículo antirracista a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Pois, percebendo a mídia e o cotidiano como locais em que as pessoas se confrontam diretamente com as representações dos diferentes segmentos sociais e étnicos, buscamos identificar a maneira como o social, a história, a cultura, o esporte, a saúde e a religião dos afro-brasileiros, e outras maneiras práticas de ser e estar no mundo, são representados nos jornais impressos. Com isso, destacamos ainda como o campo da História necessita de um entrelaçamento com outras leituras das Ciências Sociais. Nesse sentido, procuramos retratar as imagens dos afro-brasileiros nos diversos cadernos dos jornais e nos textos, analisando como eles são apresentados. Utilizaremos, daqui por diante, a abreviação EC para nos referirmos aos Estudos Culturais.

Assim, a partir dessa reprodução ideológica, observamos que os jornais impressos são influenciadores da classificação dos sujeitos na sociedade. Com isso, nossa hipótese é de que há uma tendência de associar vários atributos negativos ao negro brasileiro. Consequentemente, esse construto ideológico racista incorporado nas relações sociais durante o processo da escravidão permeia ainda hoje no convívio social.

O presente trabalho originou-se do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado “Representações dos Afro-Brasileiros nos Jornais Impressos

Paraibanos”, vigente nos anos de 2016/2017, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – UFPB.

A afrocentricidade é entendida como um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos, conforme afirma Asante (2009).

Os jornais impressos paraibanos têm sua relevância porque podem proporcionar a construção de conhecimento e produção de sentidos. Nesse aspecto, exigem o desenvolvimento de mais estudos para melhor explicitar a questão de como são representados os afro-brasileiros socialmente. É a partir dessa ideia que passamos a compreender a História da Paraíba construída pelas relações étnico-raciais do dominador/branco e do dominado/negro. Por sua vez, essas relações são camufladas por meio do “mito da democracia racial”, representadas nos jornais paraibanos, consolidando uma identidade única na perspectiva eurocêntrica.

O artigo está organizado em dois momentos. O primeiro, intitulado “Os Estudos Culturais, o currículo e a compreensão de texto”, engloba, a partir dos Estudos Culturais, uma discussão sobre o currículo e a compreensão de texto, apontando a importância dos jornais como um recurso metodológico na construção da História da Paraíba.

No segundo momento, expomos os resultados da pesquisa e discutimos em torno do título “O Ensino de História da Paraíba a partir dos jornais: ‘achados de pesquisa’”, mostrando as riquezas cultural, histórica, social e ideológica inseridas nessas fontes, consideradas fontes geradoras do conhecimento.

Buscamos, assim, refletir como esses periódicos podem ser (re)pensados enquanto recurso metodológico no ensino de História, contribuindo para a construção de um currículo antirracista e multicultural.

OS ESTUDOS CULTURAIS, O CURRÍCULO E A COMPREENSÃO DE TEXTO

A preocupação com a materialização da cultura a partir dos meios de comunicação é objeto de várias vertentes de estudos, entre elas a dos Estudos Culturais. A perspectiva dos EC, com a qual dialogamos, faz parte de um pensamento que “se opõe ao papel residual e de mero reflexo atribuído ao cultural” (HALL, 2005, p. 141) e está ligada a

inúmeros projetos, incluindo aqueles relacionados ao Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, e à obra de Stuart Hall e colaboradores, que concebem esses estudos como

um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado [...] consistindo sempre num conjunto de formações instáveis [...] construídas por um número de metodologias e posicionamentos teóricos diferentes, todos em contenção uns com os outros (HALL, 2005, p. 20).³

Além disso, os Estudos Culturais propunham deslocar a reflexão sobre a cultura centrada no vínculo-nação, para uma abordagem da cultura dos grupos sociais, abrangendo objetos (consumo, moda, identidades sexuais, museus, turismo e literatura) até então tratados pelas ciências sociais e humanas. Para tanto, os jornais impressos paraibanos seriam um meio de divulgação dessa cultura de massa. Isso sugere refletirmos como essa cultura estaria sendo apresentada nos textos e imagens jornalísticas, aqui especialmente as notícias referentes à população afro-brasileira paraibana.

Nesse sentido, os textos e imagens que contribuíram e contribuem para a construção da História da Paraíba apresentam, muitas vezes, a população afro-brasileira de forma negativa. Aqui, apontamos os jornais como um recurso metodológico no ensino de História da Paraíba, na tentativa de promover um currículo antirracista a partir da perspectiva dos Estudos Culturais.

Corroborando com essa reflexão teórica, Fiske (1987) nos EC apresenta a noção de texto como “o lugar de conflito entre suas forças de produção e os modos de recepção (...) mostra como a ideologia dominante é estruturada nos textos populares pelo discurso e convenções que nutrem as práticas de produção e que são uma parte da sua recepção” (FISKE, 1987, p. 14). Assim, afirma Costa (2003) que é no campo cultural que os grupos subordinados travam essa luta pela significação e sentido dos significados imposta pelos grupos poderosos. Nessa perspectiva, Costa (2003) resume que “os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado” (COSTA, 2003, p. 38).

A compreensão de texto para os EC estende-se para além do texto letrado, mas todas as produções que carregam um significado. Partindo dessa compreensão, não é

³ Durante o período entre 1968 e 1979, Stuart Hall dirigiu o Centro com o pensamento voltado para uma política e um projeto que tencionavam consolidar, teoricamente, os textos sobre cultura que incluíam o foto-jornalismo, os programas de televisão, a ficção romântica consumida pelo público feminino e as culturas juvenis britânicas.

difícil entender que o jornal impresso é exemplo dessa noção de texto, pois ele produz significados.

Amparados nos EC, refletimos ainda sobre: Como o currículo escolar apresenta a disciplina História da Paraíba e como a população afro-brasileira é representada? Poderíamos, a partir do olhar dos EC sobre os jornais impressos paraibanos, conhecer uma outra história paraibana da população afro-brasileira? São esses questionamentos que se acostam à proposta de fazermos uma outra leitura dos jornais impressos paraibanos e de apresentar o jornal como um recurso didático a ser trabalhado em sala de aula. Abre-se, portanto, diferentes possibilidades de compreensão de uma “outra história” afro-brasileira na Paraíba.

Em vista disso, o currículo cumpre um papel relevante dentro do sistema educacional. Certamente, indo além de um conjunto de disciplinas, estando intrinsecamente relacionado à formação humana dos sujeitos que se quer formar. Desse modo, o currículo está firmado num tripé que envolve ideologia, cultura e poder. Logo, pensar no currículo é ter em mente o refletir e o agir sobre a cultura e os sujeitos sociais. Contudo, quando o currículo se torna instrumento transformador é necessário pensar: Para que ensinar? A quem ensinar? O que ensinar? Como ensinar?

A partir desses pontos de vista, o currículo pode estar diretamente relacionado ao tipo de indivíduo se quer formar. Nessa perspectiva, convém uma transformação eficaz e significativa no projeto de sociedade que se quer obter. Sendo assim, o currículo é o espaço da memória histórica e de sujeitos sociais que criam e recriam “[...] significados em disputa, significados que são impostos, mas também são contestados” (SILVA, 2010, p.56).

A partir do exposto, entrelaçando os EC com o currículo, verificamos que,

Através dos Estudos Culturais, compreende-se que o processo de colonização e as relações de poder são as causas do monoculturalismo do currículo, assim um currículo aberto a novas culturas e novos saberes deve criar condições para que a escola discuta a história, a epistemologia e as relações de poder que envolvem diferentes tipos de conhecimento (PERRELI, 2008, p. 381-96).

Logo, o currículo escolar é também espaço de conflitos, que deve favorecer ou possibilitar o senso crítico-reflexivo, conduzindo os indivíduos à autonomia, libertando-os da dominação. Do contrário, Andrade (2018) pontua que o currículo escolar da maneira como é gestado e centralizado nos espaços educacionais, dá ênfase ou legitima o Pacto

Narcísico da Branquitude, ou seja, ele sustenta a hegemonia de uma única classe social, cujos conteúdos estão pautados na cultura branca e eurocêntrica.⁴

Em consequência disso, o uso do jornal impresso como um recurso didático no ensino de História da Paraíba, com destaque para a população afro-brasileira, aqui, justifica-se pela insuficiente produção na área.

As pesquisas acadêmicas sobre a cultura afro-brasileira têm dado pouco destaque à cena sociopolítica e religiosa que permeia a sociedade brasileira. Apesar de, no Brasil, terem surgido, nas últimas décadas, estudos desenvolvidos com base na ideia de diversidade cultural, como também ganhado força com a luta dos Movimentos Negros e, mais recentemente, com a implantação da Lei 10639/03 e a discussão da Lei 11.645/08⁵.

No entanto, o resultado dessa produção científica ainda não apresenta de forma mais abrangente um quantitativo de publicações nos livros didáticos de História da Paraíba.

Uma vez que, a elaboração acadêmica voltada para o ensino de História da população afro-brasileira na Paraíba ainda revela um grande desafio da produção intelectual dos programas de pós-graduação nas Universidades paraibanas.

Na segunda parte deste trabalho, apresentamos, discutimos e problematizamos a importância do uso dos jornais impressos paraibanos como um recurso metodológico. Além disso, trazemos os resultados encontrados na pesquisa, destacando, para cada ano investigado, 1970, 1985 e 2005, respectivamente, uma imagem-texto relacionada aos acontecimentos. A propósito disso, enfatizamos o uso das fontes como instrumentos complementares, imprescindíveis no processo de aquisição do conhecimento e na formação humana no âmbito educacional escolar e não escolarizado.

O ENSINO DE HISTÓRIA DA PARAÍBA A PARTIR DOS JORNAIS:

“ACHADOS DE PESQUISA”

⁴ O Pacto Narcísico da Branquitude pode ser definido como “um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil.” Este seria uma das formas de manutenção da hegemonia da branquitude e dos privilégios de ser branco. (BENTO, 2002, p.26)

⁵ O “ressurgimento” do Movimento Negro no Brasil fortaleceu-se, principalmente, nas décadas de 1970 e 1980. A Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, altera a Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e as bases da Educação Nacional e passa a instituir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática História da África e Cultura Afro-brasileira. A Lei 11.645/08 complementa a Lei 10.639/03, inserindo a história e a cultura indígena no Currículo Escolar.



É importante esclarecer que durante muito tempo os registros da experiência humana foram negligenciados pelos historiadores – destacando entre esses a imprensa, como aponta Fonseca (2008). O autor prossegue pontuando que no decorrer do tempo e com o avanço tecnológico, a imprensa passou a ocupar um lugar privilegiado em que a informação se tornou veículo de comunicação entre os povos. A partir daí, e no atual contexto em que transitam pesquisadores/as, professores/as e alunos/as, a comunicação de massa tomou proporções gigantescas. Desse modo, o uso da imprensa periódica tornou-se imprescindível no processo de ensino e aprendizagem como um recurso metodológico, utilizado pelos/as professores/as. Logo, não há mais espaço para a negação, omissão ou indiferença no uso dessas fontes em sala de aula como mais uma alternativa para o acesso ao conhecimento.

Nesse sentido, Bittencourt (2004, p. 335) menciona que há infinitas possibilidades de utilizar os jornais como fontes históricas, entre elas: “a análise dos conteúdos das notícias (políticas, econômicas, culturais, etc.), da forma pela qual são apresentadas as notícias, as propagandas, os anúncios, as fotografias, etc.”, além da forma como as notícias estão distribuídas na estrutura do jornal. Vale salientar que tanto os/as historiadores/as quanto os/as professores/as utilizam com maior frequência os documentos escritos.

Na óptica de Fonseca (2008), ao pensar na utilização da imprensa/fato ou acontecimento/notícia ou informação, torna-se importante considerar o “‘lugar social’, sua inserção e o papel das empresas de comunicação de massa na sociedade globalizada.” (FONSECA, 2008, p. 214). Complementa ainda que as empresas têm intencionalidades definidas nos processos político-sociais, linhas, padrões ou receitas, e enfatiza que “[...] a imprensa, ao informar, revela também a existência de um não-dito.” (FONSECA, 2008, p. 214), que deve dar subsídios para que o/a professor/a problematize essas questões, incorporando no processo de ensino-aprendizagem novas formas de enxergar a realidade.

Corroborando com a discussão, Bittencourt (2004) diz que,

O importante no uso de textos jornalísticos é considerar a notícia como um discurso que jamais é neutro ou imparcial. A veiculação das notícias e informações, com ou sem análise por parte dos jornalistas, precisa ser apreendida em sua ausência de imparcialidade, para que se possa realizar uma crítica referente aos limites do texto e aos interesses de poder implícitos nele. (BITTENCOURT, 2004, p. 337)



Sendo assim, cabe ao/à professor/a pesquisador/a um olhar crítico em relação às matérias veiculadas nos jornais, aproximando o contexto em que foram produzidas, mas sobretudo levando o/a aluno/a a enxergar o passado que reflete o presente, acompanhando a dinamicidade da história que é cíclica.

Evidenciando esse pensamento de Bittencourt (2004) em relação à ausência de neutralidade dos textos jornalísticos, Pinsky (2009) questiona a impossibilidade de ensinar História de modo neutro também. Pois, a História em si exige um posicionamento do/da professor/a e dos/as leitores/as de acordo com os processos históricos que acontecem. Além disso, Rocha (2002) complementa que “os conteúdos da memória social que serão evocados e os que serão esquecidos resultam de disputas que se refletem, ou que são geradas, no interior dos poderes institucionalizados pela ‘direção do olhar’, vale dizer, pela atenção das consciências” (ROCHA, 2002, p.15).

Dentro dessa circularidade de saberes que converge para um único ponto, Bittencourt (2004) justifica o uso de documentos nas aulas de História para o desenvolvimento do pensamento histórico, que tem o intuito de:

facilitar a compreensão do processo de produção do conhecimento histórico pelo entendimento de que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares, fazem parte da memória social e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. Outra exigência para o uso de fontes históricas é o cuidado para com suas diferentes linguagens. [...] Como recursos didáticos, distinguem-se três tipos de documentos: escritos, materiais (objetos de arte ou do cotidiano, construções...) e visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais) (BITTENCOURT, 2004, p.333).

Em virtude disso, é imprescindível ao/à professor/a ter o conhecimento e levar em conta a transição entre os métodos do historiador e os pedagógicos. Pois, conforme afirma Bittencourt (2004), ao viabilizar o documento em material didático é necessário que ele/ela cumpra as etapas que seguem: 1- descrever o documento, destacando e indicando informações referentes a ele; 2- mobilizar os conhecimentos prévios para ter parâmetros e fazer conexões entre os saberes existentes e os adquiridos; 3- situar o documento, tendo como referência o contexto e o autor; 4- identificar a natureza do documento, enfatizando suas características. Desse modo, o indivíduo recebe uma gama de informações que o estimula na capacidade de refletir e criticar sobre o que está sendo posto.



De acordo com Bittencourt (2004), algumas especificidades devem ser levadas em conta em relação às estratégias de cada tipo de documento, como é o caso dos documentos escritos. Especificamente os jornais que estamos explorando, pois é uma linguagem diferenciada que enriquece as atividades realizadas em sala de aula, tornando-se realidades de práticas escolares que fomentam a investigação.

A partir do que foi exposto, elucidamos a importância dos “achados da pesquisa” e dos dados coletados. Com isso, apontamos o “silenciamento” da participação dos afro-brasileiros na constituição da cultura e da sociedade paraibana, ainda pouco explorada nos livros didáticos e nos meios midiáticos. Assim, justifica-se trabalhar as matérias encontradas como um recurso pedagógico para enriquecer, inovar e permitir que uma nova linguagem seja fonte de conhecimento no espaço escolar e não escolarizado.

Os afro-brasileiros representam a maior parte da população brasileira. Dessa maneira, participam da história de forma passiva ou ativa, ora reconhecidos e estudados, ora “desconhecidos” e “esquecidos” no processo histórico.

O Projeto de Iniciação Científica desenvolvido na UFPB intitulado “Representações dos Afro-Brasileiros em Jornais Impressos Paraibanos”, vigente nos anos de 2016/2017, proporcionou-nos um acervo considerável e qualificado. Com isso, obtivemos um leque de possibilidades, dentre as quais, trabalhar com as matérias como documento histórico nas aulas de História da Paraíba.

Nesse sentido, os noticiários pesquisados e compilados da imprensa paraibana certificam que os afro-brasileiros foram pouco visibilizados nos resultados da pesquisa mencionada.

A pesquisa aponta ainda que os espaços nos jornais impressos destinados aos afro-brasileiros foram restritos e pontuais. E, quando as matérias destacavam a população negra, tinham o propósito de estereotipar, de marginalizar, de desqualificar e de discriminar o ser humano revestido com a pele negra. E isso pode ser acintoso para grande parte da população de etnia dissidente que compõe a sociedade brasileira.

As fontes selecionadas por este estudo foram as de maior circulação no estado, a saber: o Jornal A União e o Jornal Correio da Paraíba, com as respectivas temporalidades, 1970, 1985 e 2005. Cada contexto foi recortado de forma aleatória, entretanto, o intuito foi usar como amostragem a periodização de três momentos históricos distintos: do regime militar, da Redemocratização e de Lutas por Políticas Públicas Afirmativas.

No ano de 1970 foi possível reunir aproximadamente 212 materiais jornalísticos referentes às representações dos afro-brasileiros, nas duas principais fontes jornalísticas paraibanas.

Do Jornal União, foram extraídos 92 textos-imagens correlacionados ao mês investigado que corresponderam aos seguintes cadernos temáticos: esporte, religião, cultura, internacional, sociedade, policial, política, diversos, ação social, ditames da época, saúde e coluna social.

A partir dessa organização foi possível analisar as colunas dos jornais com maior e menor quantitativo de matérias evidenciando os afro-brasileiros. Como resultado dessa análise, observamos que o caderno de maior evidência foi a coluna de esportes, com 36% dos textos jornalísticos referentes às representações dos afro-brasileiros publicados nas matérias.

Esse índice aponta a trajetória, o papel e o espaço que o negro ocupa, principalmente na modalidade futebol que, por sua vez, viabiliza o acesso a todo e qualquer atleta que envereda nesse mundo. O que o atleta negro almeja é uma vida digna, acima do padrão social de muitas famílias negras, levando-o à ascensão social.

Por outro lado, os cadernos com menor incidência estavam relacionados às colunas sociais, economia e política, representando, cada uma, o percentual de 1% das matérias investigadas. Esses dados apontam espaços de predominância étnica branca.

Em virtude disso, os resultados suscitaram vários questionamentos, entre eles: Por que nessas colunas há escassez de matérias acerca dos afro-brasileiros? O que esses dados revelam em relação às diferentes etnias que compõem nossa sociedade? Quais os impactos da imprensa jornalística no imaginário coletivo social? Como reverter e utilizar esses dados na valorização e afirmação identitária da população afro-brasileira nos espaços educativos?

Com relação à outra fonte, o Jornal Correio da Paraíba, catalogamos 120 textos jornalísticos no ano de 1970. As matérias apresentaram os seguintes cadernos temáticos: esporte, policial, religião, cultura, sociedade, geral/diversos, internacional, política e ação social.

Trazendo os dados coletados do Jornal A União de 1985, 142 matérias foram registradas e compõem o banco de dados do Grupo GEINCOS.⁶ A partir desses dados,

⁶ GEINCOS – Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientista – UFPB.

selecionamos uma imagem para trabalhar a discussão. Identificamos que a coluna com maior número de matérias registradas foi a da cultura. Isso nos revela que a cultura passa a ser projetada ou ganha visibilidade na mídia e dá ênfase a presença do negro como parte integrante da cultura do país.

Na coleta dos dados dos jornais A União e Correio da Paraíba de 2005, assim como nos anos anteriores, um quantitativo bastante significativo de reportagens compõe o banco de dados e aponta aspectos importantes da pesquisa. No caso específico do Jornal A União, 108 matérias jornalísticas foram catalogadas, e observamos que coincidentemente as colunas em destaque estão relacionadas ao esporte e à cultura, alternando apenas a ordem apresentada, enquanto que as de menor representatividade são as colunas de economia, ação social e religião, justiça e gente.

Outra descoberta da pesquisa aponta que entre os jornais A União e Correio da Paraíba, o maior quantitativo de reportagens corresponde a esse último, com 248, os quais encontramos 17 cadernos temáticos. E estes, por sua vez, foram distribuídos em: cultura, esportes, cidades, mundo, sociedade, opinião, saúde, últimas notícias, papo cabeça, Brasil, divulgação, especiais, política, economia, religião, justiça e gente.

Dentre esses temas, a cultura e o esporte se sobressaíram em relação aos demais; em contrapartida, a economia, a política, a religião e a justiça apresentaram uma reportagem por caderno temático, ou seja, índice mínimo de matéria.

Na seleção da reportagem representada pela imagem 1, priorizamos o esporte, justificado pelo critério adotado. Pois, nela há uma circularidade significativa de matérias que trazem para o centro os afro-brasileiros. Ressaltamos, no entanto, que isso não significa valorização identitária da população negra. Com isso, a matéria e a imagem do jovem abordam o esporte como instrumento de uniformização da sociedade brasileira no período do regime militar.

Analisaremos, a seguir, a imagem apresentada abaixo e publicada no dia 3 de fevereiro de 1970 na página 6 do caderno temático de esporte do Jornal A União.

Imagem 1: Futebol



Fonte: JORNAL A UNIÃO, 1970, página 6.

A imagem é um signo, representa algo e necessita ser lida e decodificada (SANTELLA, 2008), uma vez que carrega elementos que colaboram para construir sentidos. Auxiliados nos EC e a partir da “cultura letrada” utilizamos os jornais impressos paraibanos como um recurso metodológico.

Sendo assim, de acordo com os “achados da pesquisa”, a partir das imagens selecionadas apresentadas neste artigo, construímos sentidos conforme os períodos históricos extraídos das fontes pesquisadas.

Entre títulos e textos, a imagem de um jovem atleta nos chamou atenção. Trata-se de um jogador negro, do clube do Botafogo identificado pelo símbolo da camisa que contém uma estrela solitária. Um clique fotográfico apanhou num instante festivo do futebol paraibano essa memória afetiva do clube.

A fotografia traz a mensagem de vitória do time, momento em que o atleta segura uma taça nas mãos. O uniforme é composto por uma camisa predominantemente branca com detalhes pretos na gola/manga e calção juvenil preto. A felicidade estampada no rosto do jogador é definida através do sorriso cristalizado no momento da conquista de mais um título como artilheiro do time.

A reportagem aponta o jovem promissor que busca ascender na vida profissional e, consequentemente, na vida social. Em outras palavras, a imagem abriu um leque para a visibilidade do “negro anônimo”, entre tantos outros jovens. No entanto, o que é enfatizado é o esporte em si, que se sobressai em relação ao profissional que o executou.

O que está por trás dessa imagem pode ser a representação do patriotismo, de um “modelo de sociedade”, de uma organização, a paixão pelo esporte associada à nacionalidade do povo brasileiro. Por outro lado, também mostra que pelo esporte é possível ascender socialmente, já que não foi possível através da educação.

A identidade e o pertencimento da população negra como construção do “sujeito histórico” não é o foco da discussão jornalística. E, em nenhum momento, o texto enfatiza a identidade do indivíduo, que fica esvaziada pelo enfoque no profissionalismo do atleta.

Nesse sentido, a identidade engloba um conjunto de fatores inerentes à pessoa, que revela o indivíduo como um todo dentro dos processos de transformação da humanidade.

Para além disso, o exposto torna-se uma realidade não noticiada ou sensível nos cadernos temáticos abordados. Essa construção que engloba os aspectos social, cultural, histórico e político entre os diversos grupos étnicos de nossa sociedade, ainda nega o direito e o reconhecimento da pluralidade que compõe a população brasileira. Especificamente como parte fragmentada desse todo, encontra-se a população paraibana.

Esse contexto é “justificado” pelo período da ditadura militar marcado pela ausência de flexibilidade nas decisões tomadas, pelas perseguições políticas a todos que se opunham ao modo de sistema de governo, pela supressão de direitos constitucionais e pela imposição de uma única ideologia com controle quase absoluto e incontestável de um grupo extremamente centralizador.

Simultaneamente, a imprensa brasileira, expressão do “quarto poder”, propagava e conduzia as massas nos anos de 1970, imprimindo, difundindo, reforçando e reafirmando a obediência imposta pelo regime militar, que buscava uniformizar e enquadrar a sociedade num único modelo de nação.

Esse modo de homogeneizar a sociedade como se houvesse uma única cultura ou modelos específicos a serem seguidos, segundo Hall (2005, p. 59), empobrece a vida social de qualquer país. Pois, “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencentes à mesma e grande família nacional.” (HALL, 2005, p. 59). Acarretando, por sua vez, consequências que podem deixar de valorizar o pluralismo cultural.

Desse modo, os meios de comunicação sofrem influência dessas políticas culturais nacionais, que repercutem nas matérias jornalísticas. Situação confirmada na imagem

coletada que apresenta uma reportagem específica e seletiva. Isso nos leva a afirmar que a imprensa reforça e mantém uma estrutura já existente.

Assim, a cultura nacional “[...] é também uma estrutura de poder cultural.” (HALL, 2005, p. 59). Em consequência disso, numa cultura local há sempre a predominância de uma cultura nacional que influencia todos os aspectos da vida de uma sociedade. Isso quer dizer que, ao analisarmos os recortes dos jornais impressos paraibanos em relação às representações dos afro-brasileiros, levamos em consideração a complexidade conjuntural em que aconteceu o nascituro histórico da população brasileira.

De uma forma ou de outra, o esporte passa a ser aliado do regime militar, sendo mais um instrumento de controle. Com a finalidade de conter, manter, estagnar e manipular grande parte da população “sem apresentar” qualquer tipo de agressão, ameaça e força. O que nos leva a afirmar que o esporte passa a ser o ideal de patriotismo da sociedade brasileira.

A imprensa ao servir como instrumento desse modelo de Estado, difunde facilmente uma política unilateral. Esta, por sua vez, ocorre através da força e do medo impostos pelo próprio sistema de governo. Essa sutileza é transmitida à sociedade através dos valores morais e éticos. E repercute na normatização de um comportamento observado por meio da obediência, do respeito e da força como uma “verdade incontestável”.

Ampliando a discussão, Sodré (1999) esclarece que a exclusão do negro acontece historicamente e socialmente desde o processo de dominação das terras brasileiras. De maneira semelhante, a relação de interdependência entre a mídia e a política surgiu desde a chegada da imprensa em território brasileiro.

Nesse sentido, as conexões entre os negros, a mídia e a política se entrelaçam, e a existência de uma cumplicidade entre a política e a mídia pode comprometer a lisura da informação ou ser tendenciosa, privilegiando um grupo social e invisibilizando os demais.

Assim, é justificável e compreensível a ausência de matérias nos editoriais da política, economia e das colunas sociais que relatem o protagonismo da população negra. Os afro-brasileiros são sujeitos que constroem e fazem parte da história nos jornais impressos paraibanos, mas não são apresentados como tal. O viés político e ideológico carrega o afro-brasileiro como objeto de um sistema que oprime, domina, condiciona e favorece a hegemonia da cultura eurocêntrica no país. Evidentemente, isso não é

determinante, mas exerce uma forte influência em diversos setores da sociedade em que a elite se sobressai.

De acordo com Sodré,

Falar de elite é designar os grupos e as instituições com acesso diferenciado a mecanismos geradores de poder, tais como renda, emprego, educação e força repressiva. São as elites que ocupam, em cada estado nacional, sejam as posições de controle direto da mídia, sejam as possibilidades de moldar o seu discurso. (SODRÉ, 1999, p. 243).

Em outras palavras, a imprensa está a serviço de um grupo seletivo da sociedade, reproduzindo as ideologias dominantes que se caracterizam pelo repertório europeu, racista, machista, etc.

Contrariando essa lógica, trabalhamos na perspectiva de explorar os jornais impressos paraibanos como documento histórico e recurso didático.

Partimos da concepção de que o afro-brasileiro se inscreve na própria história. Exploramos as matérias e especificamente a imagem 1 acima mencionada, resgatando ou aprofundando os valores, a cultura, a linguagem, os antagonismos, a dinamicidade, a identidade, a ancestralidade e o contexto da reportagem. Desse modo, permitimos aos/as discentes passarem de uma leitura ingênua para uma leitura crítica e reflexiva de forma gradual e processual, abrangendo diferentes aspectos que envolvem as dimensões política, social, cultural, econômica e histórica.

Nesse sentido, repensamos a história oficial apostando no presente em que a intervenção do homem pode ressignificar o passado, dando um novo sentido à história.

Seguindo a análise das páginas do jornal A União do ano de 1985, constatamos que a redemocratização reconfigura a vida da sociedade brasileira com resquícios da ditadura militar. Esse movimento suscita novos espaços em que a população negra também transita nas transformações que vão ocorrendo.

Esse período de “redemocratização” ocorre após 21 anos de regime militar no Brasil. Nesse processo de transição entre o regime militar e a busca de restaurar o sistema democrático, percebemos vários impasses, conflitos e jogos de interesses. Várias medidas foram tomadas, entre as quais, as garantias individuais e a liberdade de imprensa.

O que percebemos ainda, entre outros aspectos, é que a cultura passa a ser “projetada” ou ganha “visibilidade” na mídia e dá ênfase à presença do negro como parte integrante de uma “cultura nacional”.

Nesse contexto, a imagem 2 apresentada abaixo, circulou no domingo, 17 de fevereiro de 1985, como parte do caderno temático denominado cultura. A matéria destaca o desfile das escolas do Grupo 1 – B no Rio de Janeiro. Na reportagem, a “Cultura Popular” é evidenciada como uma possível fonte de riqueza e resistência na luta pela construção de uma sociedade que incluía a pluralidade étnica racial do país. E esta só acontece através da consciência de uma nação emancipada. No entanto, o que é enfatizado na matéria e na imagem é o oposto. Há ausência de “uma tomada de consciência de valorização” identitária da população negra.

Imagem 2: A Cultura Popular



Fonte: JORNAL UNIÃO, 1985, s/p

A imagem destaca vários integrantes afro-brasileiros que ao ritmo do cortejo carnavalesco dançam de forma empolgante e permitem transparecer a alegria, a sensualidade e a leveza de um modo de ser atuando no mundo.

A representação visual que sobressai são dois casais dissidentes que brincam e se divertem ao som do batuque da bateria da escola de samba. As mulheres negras dão visibilidade à beleza de seus corpos com pouquíssimos cortes de tecidos. Corpos esculpidos de traços que remetem à ancestralidade de um povo que guarda na memória a aversão e a segregação de sua própria história.

Observamos ainda que os tecidos de predominância branca encobrem a estrutura física dos homens. Logo, estes não têm os corpos expostos, e sim as mulheres. Desse modo, os corpos de mulheres negras são exibidos “supostamente” como “mercadorias”

em nível nacional e, sobretudo, internacional. Por sua vez, essas imagens e outras da população negra, sobretudo de mulheres, que envolvem a cultura popular, são projetadas como cartão postal para atrair estrangeiros.

Um dos pontos que podemos explorar dessa iconografia no ensino da História da Paraíba é a presença dos afro-brasileiros como representantes e difusores das heranças culturais de nossos antepassados. Eles estão enraizados no processo de formação constitutivo do povo brasileiro conhecido como “miscigenação”⁷ por uma corrente de intelectuais. Esse processo de formação pode ser problematizado em sala de aula, conduzindo os discentes a refletirem e repensarem sobre a complexidade das diversas etnias que nos formaram.

Analisamos por outro ângulo a expressiva imagem apresentada e enxergamos a alegria, o gingado, o samba, o molejo e a comunicação transmitidos através dos gestos corporais, impregnados na negritude do povo brasileiro. Essas características são vistas, principalmente, nas mulheres negras, que ganham maior visibilidade na mídia e são projetadas internacionalmente para atrair e fomentar o turismo no país.

Convém investigarmos juntamente com os/as alunos/as, no caderno temático de cultura do periódico, como a identidade da população negra é apresentada. Supomos que não está firmada, mas em processo de construção, que ora é camuflada ou intencionalmente apresentada de forma a não valorizar ou negar a identidade desse grupo social.

Salientamos que essa postura político-ideológica pode comprometer negativamente os dissidentes não brancos. A partir disso, podemos levar os/as discentes a refletirem os impactos dessa projeção da população negra fora do país: O que de fato nos revela o noticiário? O que se sobressai na imagem selecionada? O que a iconografia propõe para além da imagem?

Observamos ainda que a exaltação do carnaval, das festas populares, das brincadeiras de rodas, da dança, da música, da literatura, enfim, das transmissões passadas de geração em geração através da oralidade e da memória coletiva, são heranças das nossas ancestralidades e devem ser trabalhadas e valorizadas nos espaços escolarizados e

⁷ Há divergência entre os diversos intelectuais negros que discutem o tema da “democracia racial”, pois compreendem que o processo de miscigenação não ocorreu de forma harmoniosa e positiva como é apresentado por alguns pesquisadores e sociólogos do Brasil. Segundo Abdias do Nascimento (2016), não houve uma passividade da negritude, no entanto, as lutas, as resistências e os contrapontos desse grupo foram omitidos ou pouco ressaltados na historicidade da população negra.

não escolarizados. Sendo essa uma das possibilidades de materializar a implementação da lei 10639/2003 alterada pela lei 11645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e privadas, do ensino fundamental até o ensino médio.

Em vista disso, a “cultura popular” é a expressão da manifestação de uma diversidade de práticas, costumes e tradições que representam o povo, de modo geral, e imana também cultura. No entanto, há um desprestígio em relação a essa cultura, que ainda é pouco reconhecida e valorizada pela composição histórica construída nos diferentes espaços em que as relações sociais acontecem. Essa construção histórica imposta, reconhecida e aceita, reproduzida pelos grupos dominantes, é propagada e absorvida no imaginário individual e coletivo da sociedade. Consequentemente, apenas um determinado tipo de “cultura” é socialmente aceito e propagado. Em resposta a essa negação, a população afro-brasileira e a população africana desenvolvem, através da “cultura popular”, a riqueza dos valores dos grupos negros, revelando a criatividade, a irreverência, a alegria, enfim um modo de ser, estar e agir no mundo.

Os jornais impressos paraibanos tornam-se um recurso didático rico em caminhos para desconstruir paradigmas apresentados através dos aspectos histórico, político, social, econômico e intelectual. Salientando que a abordagem do/da professor/a deve ser afrocêntrica, pois é importante problematizar a notícia, analisando como ela é vista e a partir de que lentes é publicada. Para tanto, também é imprescindível conduzir os/as alunos/as a refletirem sobre os aspectos sutis das reportagens, fomentando a capacidade de pensar, e aguçando o senso crítico. Através disso, o/a educador/a alinha a sua concepção de escola juntamente com o dever de discutir as questões étnicas e raciais que permeiam a sociedade, ganham espaços e repercutem nos meios midiáticos.

Foi perceptível que houve poucas matérias de repercussão nos jornais impressos paraibanos em relação à “cultura popular”. Contudo, torna-se marco histórico trazer à tona essa temática que passa a agregar valor como bem cultural afro-brasileiro de um único povo, até então não reconhecido/pouco divulgado ou oculto pelos noticiários, constatado na forma de divulgar ou não esses acontecimentos.

O que permeia em nossa sociedade e nos noticiários analisados é um discurso dominante em que há a supervalorização de um paradigma cultural. Este aponta a proeminência do embranquecimento e dos valores de uma única e exclusiva etnia difundida como “autêntica”. Nesse sentido, Silva (2010) reitera que,

É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. [...] Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. [...] Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. (SILVA, 2010, p. 91)

Em consequência disso, as representações dos grupos sociais decorrem das afirmações identitárias e dos espaços que esses grupos ocupam e/ou produzem em nossa sociedade. Isso reflete diretamente no processo histórico e social que nos constitui enquanto população brasileira. Logo, a ruptura dessa estrutura exige dos novos protagonistas a ressignificação da história a partir da realidade vivenciada na óptica também do negro.

O processo de redemocratização esteve em plena concretização no Brasil em 2005. Essa configuração remete à pauta de diversas lutas que foram determinantes para a sociedade brasileira, e, entre essas, a que trouxe resposta palpável que interfere de forma significativa na vida da população negra foi a implementação da lei 10.639/03. Sendo esta reformulada e ampliada pela lei 10.645/08, atualmente em vigor, pois resguarda e difunde a historicidade também dos povos indígenas.

Em consequência de inúmeras lutas e pautas advindas da pressão popular e dos movimentos sociais em prol de políticas públicas e sociais, muitas conquistas foram adquiridas e asseguradas nos direitos civis e políticos do povo.

A pressão dos movimentos sociais interferiu nos processos de abertura da sociedade civil nos mais variados aspectos. Nesse sentido, destacamos: o plano de ação da ONU, de 2001, em combate ao Racismo, à Discriminação Racial, à Xenofobia e à Intolerância Correlata; a lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares da educação; e as propostas das Conferências de Promoção de Igualdade Racial, de 2005.

É a partir desse cenário que passamos à análise dos dados coletados no Jornal Correio da Paraíba, de 2005. Selecionamos a imagem 3 relacionada aos cadernos que trabalham o tema cultura. Esta, por sua vez, revela a imagem de uma jovem negra, em destaque, que retrata um universo restrito. Pois, poucos negros têm a oportunidade de serem inseridos em programas e projetos sociais, em que há a valorização dessa minoria. Nesse sentido, observamos que a manchete principal traz na capa a jovem negra que representa um coletivo de lutas, resistências e pautas que atravessaram e são pontes da

história e da cultura de um povo que carrega uma herança de uma identidade nacional alicerçada na formação de uma sociedade escravocrata, latifundiária, patriarcal e capitalista.

Em outras palavras,

A população negra já não arrasta as correntes presas aos pés, porém, a ausência desse tipo de domínio não integrou o negro na sociedade de outrora nem nos dias contemporâneos. Apesar de os negros terem concretizado conquistas significativas no âmbito dos seus direitos de cidadãos, eles continuam sofrendo os mecanismos sutis, no entanto eficazes, do racismo e da discriminação. Punições que geram suturas, chagas expostas no corpo e na alma dos negros. (DE SOUZA, 2020, p.321)

A desconstrução desse processo de subserviência, negação por parte dos não-negros(as) e de negros(as), estereótipos, o não reconhecimento da população negra, que se torna invisível por ser tratada como subproduto da cultura branca, requer tempo e exige uma nova ressignificação e apropriação por parte do legado da ancestralidade negra. Em consequência disso, a história, a cultura e a memória tornam-se um arcabouço para a autoafirmação identitária, sendo instrumentos de libertação política, social e educacional da negritude.

Imagem 3: A Negritude



O caderno temático exposto acima é o Papo-Cabeça, que exibiu a notícia “A cor de atitude”, com o enfoque “Negros”. A matéria circulou no domingo, dia 20 de novembro de 2005, na página principal do jornal.

A temática que abordou a “cultura popular” trouxe o destaque da coluna com tema “Negros – A cor da atitude”. A matéria revelou a história da cabeleireira Maria José dos Santos Silva, conhecida como Zezé, que desenvolveu um trabalho na Organização Não Governamental (ONG) de valorização dos fenótipos dos afro-brasileiros. Embora seja uma iniciativa de transformação social em âmbito local, salientamos que há no país várias meninas e meninos que sofreram/sofrem preconceito pelo simples fato de serem negras/os. Desse modo, a ação não deveria ser pontual, mas um direito vivenciado pela população negra e não negra. Logo, toda e qualquer identidade étnica e racial deveria gozar das mesmas oportunidades.

A leitura da imagem e do texto aponta que a ideia “A cor da atitude” é posta como algo de sucesso, que atinge um restrito e determinado grupo étnico, que representa, em sua maioria, a população negra. Certamente, essa maioria deveria ter um quantitativo significativo de oportunidades de condições, e de direitos sociais, políticos e econômicos, equivalente à proporção dessa população. Entretanto, isso não acontece, podendo ocasionar um impasse entre os grupos de diferentes etnias. Em consequência dessa disparidade de oportunidades entre a população negra e branca, a população negra desfavorecida, reivindica, exige e luta pelos seus direitos e espaços ainda ilegítimos, que, embora amparados por lei, sofrem resistência para sair do papel.

Nesse sentido, os/as educadores/as no ensino de História podem e devem explorar os jornais como um recurso metodológico, a fim de desmistificar também o papel dos jornais impressos paraibanos, investigando nas entrelinhas a intencionalidade, a objetividade, a ideologia e a historicidade dos fatos apresentados. É necessário criar um fluxo em que a abordagem trabalhada valorize e afirme as identidades e culturas afro-brasileiras.

Dessa maneira, outros pontos de vista devem ser revelados, os que não são perceptíveis pelos/as discentes, sendo explorados através do diálogo e da problematização, estimulando a reflexão crítica. Por sua vez, essa reflexão deve promover a emancipação dos/das discentes, contribuindo para o despertar de um olhar sobre o



passado para transformar o presente e construir um futuro possível. Visando, assim, reafirmar o protagonismo da negritude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste artigo nos aproximou do desafio diário que os/as professores/as enfrentam com a escassez de literatura e materiais pedagógicos específicos no ensino de História da Paraíba, sobretudo aqueles/as engajados/as no trabalho e na valorização da construção identitária dos afro-brasileiros no contexto paraibano.

Por isso, a partir do que foi exposto, os jornais impressos paraibanos são fontes de conhecimento social, histórico, cultural, político e religioso que transitam no cotidiano das massas. E torna-se uma alternativa na nova historiografia do ensino de História da Paraíba como elemento de um currículo antirracista. Os jornais podem assumir um papel relevante no ensino supracitado, sendo mais um recurso didático para trabalhar a disciplina de História com uma nova abordagem, construindo sentidos e fomentando o senso crítico e reflexivo a partir do papel multifacetado da mídia impressa.

Consideramos que este estudo nos auxiliou a revelar a outra história da Paraíba: a história dos afro-paraibanos que permeia nas entrelinhas a nossa vida, de um povo que foi e ainda é silenciado. Partimos de uma construção ideológica intencional que predomina nos jornais, em que a notícia é seletiva e constrói imaginários coletivos.

A nossa estratégia é usar o jornal em sala de aula como um recurso metodológico de ensino-aprendizagem com a intencionalidade de romper essa estrutura através da perspectiva afrocêntrica. Nesse viés, emerge um novo olhar sobre os sujeitos afro-brasileiros abrindo um leque de possibilidades. Para tanto, professores/as conduzem os/as alunos/alunas a refletirem sobre as condições dos sujeitos históricos da população negra, que se inscrevem também como construtores da história paraibana.

Nesse sentido, o/a professor/a ao trabalhar os jornais como um recurso metodológico incorpora elementos que perpassam o papel tanto do jornalista que produziu a matéria quanto do leitor que absorveu as informações. Desse modo, o desafio desse/a professor/a é acessar os saberes ocultos, questionar o motivo dos destaques, investigar se há preconceitos, estereótipos, racismo e omissões nos noticiários. O objetivo, portanto, é contribuir na formação dos educandos, propiciando o senso crítico e reflexivo e conduzindo-os a emancipação intelectual.

Nessa dinâmica, inspirados na perspectiva dos EC e a partir de uma “bagagem” cultural e visual, é possível fazermos algumas leituras das imagens e textos dos jornais impressos paraibanos como um recurso didático em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maíra Pires. A branquitude e a colonialidade na prática docente na educação básica (2000-2015). *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 10, n. Ed. Especi, p. 238-264, jun. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/432>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

ASANTE, K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: *Selo Negro*, 2009. p. 93-110.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: _____. CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis-RJ, *Vozes*, 2002, pp.25-58.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2ª ed. São Paulo: *Cortez*, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel and SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais: educação e pedagogia. *Rev. Bras. Educ. [online]*. 2003, n.23, pp.36-61. ISSN 1809-449X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

DE SOUZA, Antonio José. Educação para as relações étnico-raciais: África próxima e separada de nós! *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 12, n. 32, p. 297-325, abr. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/873>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FISKE, John. *Television Culture*. London & New York, *Routledge*, 1987.

FONSECA, Selma Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados*. 7ª ed. Campinas, SP: *Papirus*, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: *DP&A*, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva de Estudos Culturais*. Petrópolis: *Vozes*, 2000.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3ª ed. São Paulo: *Perspectivas*, 2016.

PERRELI, M. A. S. “Conhecimento Tradicional” e Currículo Multicultural: Notas com Base em uma Experiência com Estudantes Indígenas Kaiowá/Guarani. *Ciência & Educação*, v. 14, n. 3, p. 381-96, 2008.

PINSKY, J. Nação e ensino de História no Brasil. In: PINSKY, J et al. O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: *Contexto*, 2009.

ROCHA, Ubiratan. História, currículo e cotidiano escolar. São Paulo: *Cortez*, 2002.

SANTANELLA, Lúcia; Nöth, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. 4 ed. São Paulo: *Iluminiruas*, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo. 3ª Edição. *Editora Autêntica*, 2010.

SODRÉ, M. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: *Vozes*, 1999.

Recebido 01/03/2021

Aprovado em 25/04/2021